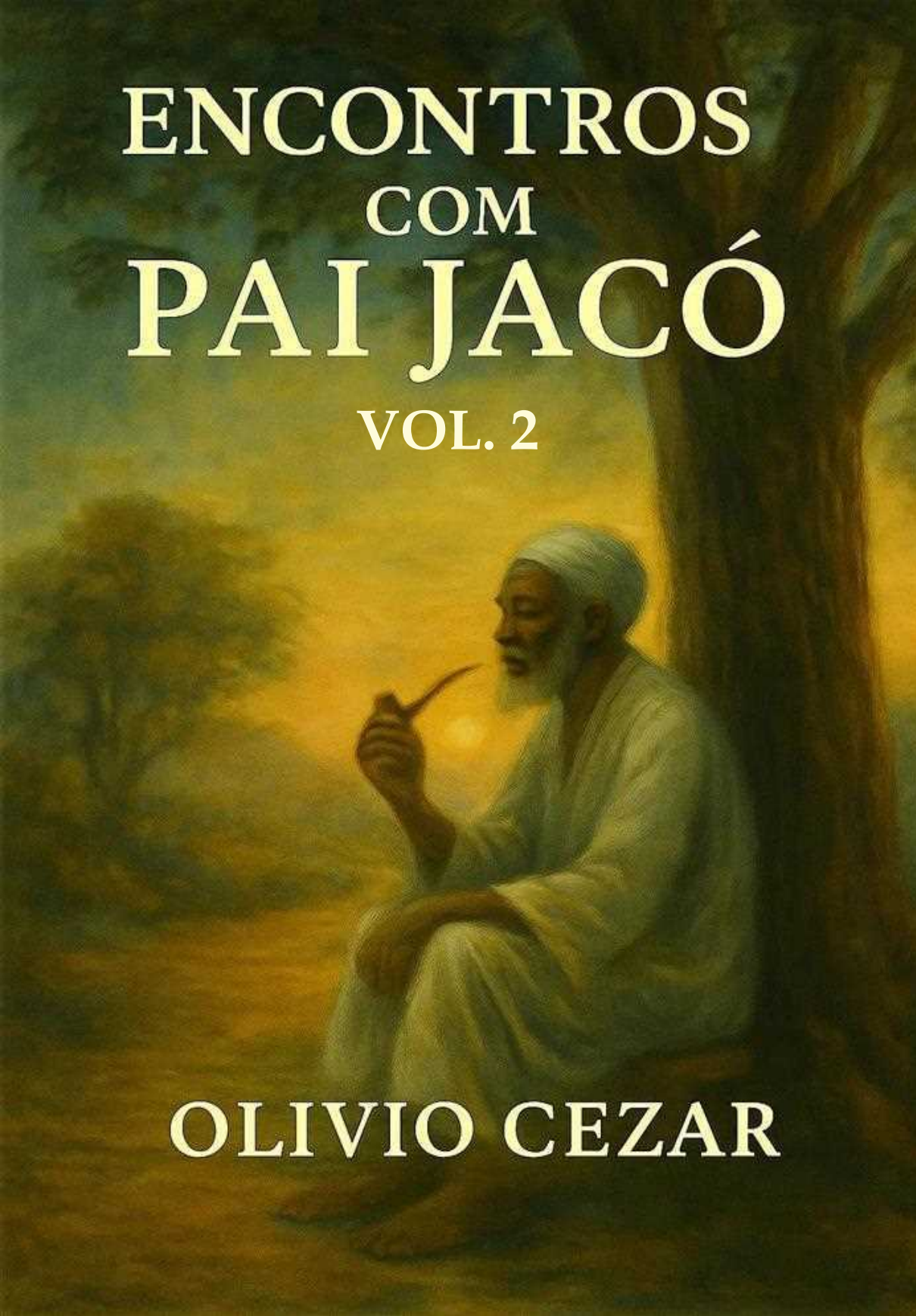
ENCONTROS COM PAI JACÓ

VOL. 2



OLIVIO CEZAR

ar

ENCONTROS COM PAI JACÓ

VOL. 2

OLIVIO CEZAR

ar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP. Brasil)
ISBN 978-65-01-58308-2 - 1ª- edição

Cezar. Olivio

Encontros com Pai Jacó, 2025.

1. Doutrina Espírita 2. Auto ajuda 3. Desenvolvimento espiritual

Todos os direitos reservados.

Reprodução total ou de trechos deste livro serão permitidos após autorização do autor.

ar

ENCONTROS COM PAI JACÓ

VOL. 2

OLIVIO CEZAR

2025

Esta obra faz parte da trilogia:

- Diálogos com Pai Jacó – Vol. 1
- Encontros com Pai Jacó – Vol. 2
- Ensinamentos de Pai Jacó – Vol. 3

Índice

Introdução
Prefácio Espiritual
Estados da alma
1. Quando a alma se encolhe
2. Tristeza não é fraqueza
3. O peso da solidão
4. Desilusão: o fim da ilusão, não do amor
5. No limite da razão
6. O grito silencioso

Afetos partidos
7. Quando o amor vira espinho
8. Ilusões que o coração inventou
9. Magoou, e agora?
10. Perdão é caminho

Reconstrução e sabedoria
11. Quando a culpa aperta
12. Se a vida cansa
13. O medo que paralisa
14. A falta de amor-próprio
15. A alma grita

Transição
16. A Vida pede pausa
17. O Perdão que liberta
18. A Alma pede verdade
19. Solidão que ensina
20. O silêncio fala
21. Volta pra casa, fio...

Encerramento

Introdução

Vivemos uma época em que as crises emocionais parecem se multiplicar sem cessar.

Tristeza, solidão, ansiedade, desilusão e angústia são sentimentos que afligem grande parte da humanidade, gerando um vazio que muitas vezes as respostas tradicionais não conseguem preencher.

Diante desse cenário, percebo cada vez mais urgente a busca por algo que vá além das fronteiras das religiões exteriores — uma espiritualidade autêntica, que nasça da experiência íntima e pessoal com o nosso Eu Interior.

Este livro dá continuidade a ***Diálogos com Pai Jacó*** na busca de uma compreensão profunda do ser.

A verdadeira transformação não vem de dogmas, mas do contato genuíno com a nossa essência mais pura, com aquela centelha divina que habita em cada um de nós.

É na escuta silenciosa do nosso coração que encontramos as respostas que o mundo externo não pode nos dar.

E, nesse caminho, não estamos sozinhos. Guias, mentores espirituais e protetores invisíveis estão prontos para nos amparar, oferecendo ensinamentos, conforto e direção.

Convido você, leitor amigo, a se abrir para essa jornada interior. A conectar-se com sua alma, a reconhecer a presença amorosa daqueles que vibram em dimensões superiores e que zelam por nós.

Que este livro seja uma ponte para essa conexão, um convite para olhar para dentro com coragem, para curar feridas antigas e despertar o potencial infinito que habita em cada um.

Mais do que palavras, aqui compartilho experiências, ensinamentos e diálogos que me foram oferecidos por um mentor espiritual muito querido— Pai Jacó — cuja sabedoria e ternura têm sido fonte inesgotável de força e esperança em minha caminhada.

Que este encontro possa ser o início de uma caminhada de cura, luz e renovação para todos nós.

Prefácio Espiritual

Tem alma que chega ao livro como quem chega numa encruzilhada. Não sabe se vai, se volta, ou se para tudo de vez.

Esse livro aqui não é estrada pronta. É caminho de terra batida, com sombra, flor, espinho e banco de descanso.

É encontro marcado com você mesmo — só que com fé no colo e coragem no bolso.

Cada capítulo é um assento vazio onde Pai Jacó senta ao seu lado, devagarzinho, cachimbo aceso, olhar firme e voz que embala. Ele não responde tudo, mas pergunta o que precisa. E quando não diz, transmite.

Porque sabedoria de Preto Velho não é pra convencer. É pra **acalmar o coração e despertar a alma**.

Aqui se fala de dor, mas também de alívio. De solidão, mas também de reencontro. De magoa, mas também de perdão. De desistência, mas também de recomeço.

Este livro não quer salvar ninguém. Mas pode segurar sua mão enquanto você se salva.

A escrita aqui apresentada valoriza o conteúdo intuitivo e inspirado, em alguns momentos sobrepondo-se às exigências formais da gramática,

Se a vida tá apertada, se o mundo tá pesado, se o peito tá raso…

Senta um pouco.

Abre o livro.

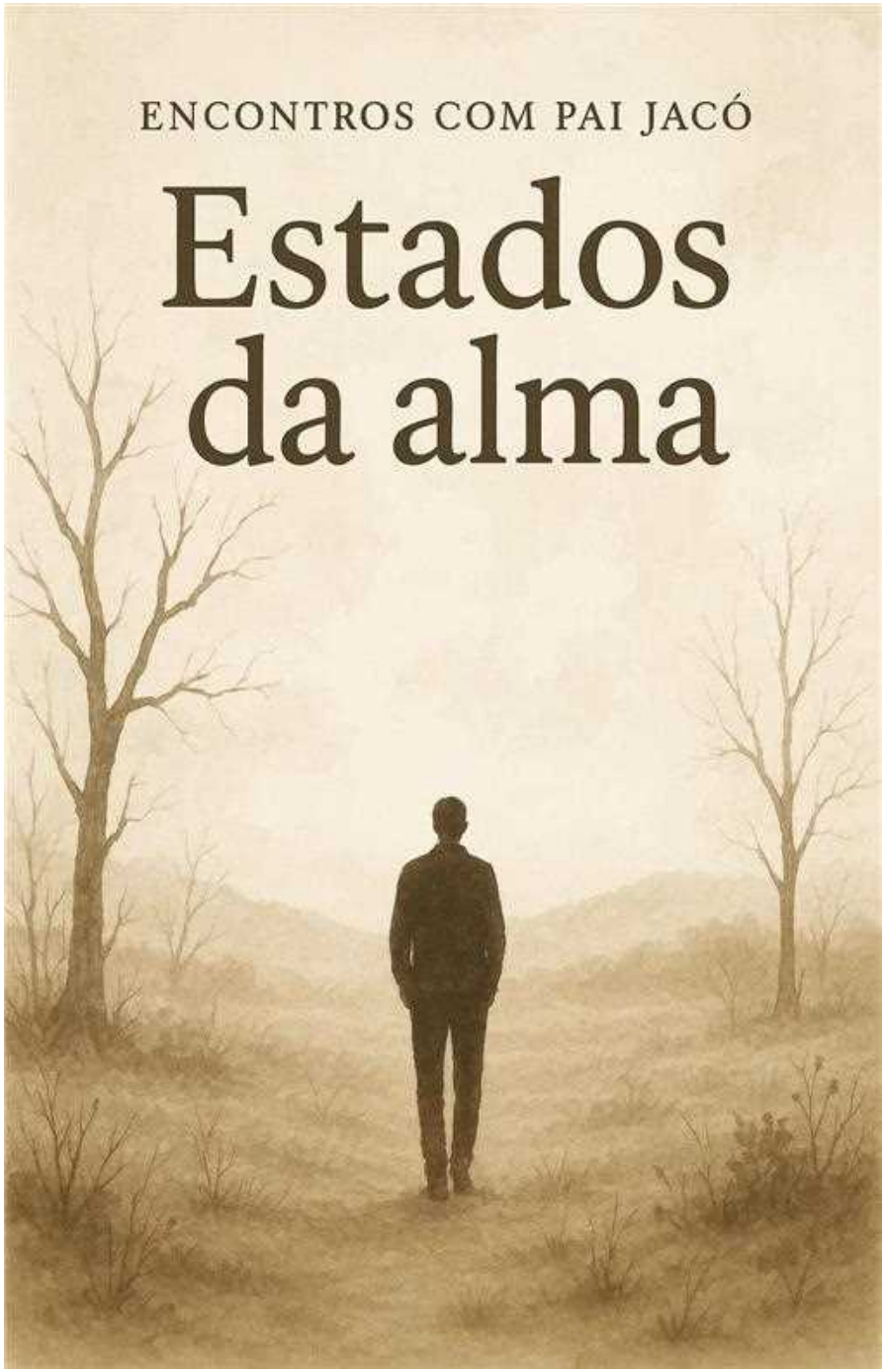
Escuta esse silêncio cheio de luz.

Você não veio por acaso.

Esse encontro era pra acontecer.

Com fé e com alma,

Pai Jacó


ENCONTROS COM PAI JACÓ
Estados da alma

Capítulo 1 – Quando a alma se encolhe

O dia amanheceu cinza, mesmo com o céu azul.

O corpo se levantou, mas o ânimo ficou deitado.

O mundo chamou, mas a alma… não respondeu.

Era como se tudo tivesse ficado pesado demais: os passos, os gestos, até o sorriso. E o pior: ninguém via.

Foi então que Pai Jacó apareceu.

Sentou no banquinho de sempre, acendeu o cachimbo e ficou me olhando com aquele jeito de quem escuta o que a gente ainda nem disse.

— Tá doendo, fio? — ele perguntou, soprando a fumaça como se abençoasse o vento.

Eu não consegui falar. Só abaixei a cabeça.

Ele não me apressou.

Deixou o silêncio conversar com a tristeza.

Depois de um tempo, como quem não quer assustar passarinho, ele disse:

— Depressão é quando a alma se encolhe pra caber no que restou.

É quando a esperança se esconde com medo de ser rejeitada de novo.

— E o que eu faço, Pai Jacó? — perguntei com a voz pequena.

Ele respondeu devagar, olhando pro chão como quem fala com as raízes:

— Primeiro, tu respeita essa tristeza.

Não tenta empurrar ela com frases prontas, nem com culpa.

A tristeza é visita.

Ela só fica tempo demais quando tu tenta expulsar sem escutar.

— Mas eu não tenho mais força...

— Então a gente segura tua mão até tu ter.

— E ele estendeu a dele, calejada, firme, quente.

— Aqui não tem cobrança.

Tem companhia.

Aqui tu não precisa sorrir pra ser amado.

Tu só precisa continuar respirando.

Porque até o chão tem fim.

E a gente tá quase virando a esquina.

Ficamos ali. Sem milagre, sem pulo mágico. Só presença.

E naquele instante, algo em mim... se esticou de novo.

A alma ainda estava pequena. Mas não estava mais sozinha.

Capítulo 2 – Tristeza não é fraqueza

Naquele fim de tarde, o céu parecia estar chorando.

Não era tempestade.

Era aquela chuvinha mansa, que parece mais lamento do que raiva.

Eu estava assim também: coração encharcado, sem motivação e com um peso que não cabia em palavras.

Sentei no meu cantinho favorito.

Não pedi nada. Só quis ficar ali.

Pai Jacó chegou em silêncio, como sempre. Sentou ao lado, mas não perguntou "o que houve".

Apenas disse:

— Tem dia que a alma fica nublada mesmo, fio.

E não precisa justificar isso pra ninguém.

Eu respirei fundo.

— Mas todo mundo me diz que preciso ser forte, que já passou, que é só pensar positivo…

Ele me olhou com aquele jeito doce e firme:

— Essas gentes confundem força com frieza.

Acham que tristeza é fracasso, e não é.

A tristeza é oração muda. É o coração dizendo: 'preciso de colo, não de cobrança'.

— Então... eu não sou fraco?

Ele sorriu com os olhos e disse:

— Fio... quem sente, vive.

Quem chora, purifica.

Fraqueza é fingir que está tudo bem enquanto a alma grita por dentro.

Tu é forte demais por admitir que sente.

Mais forte ainda por pedir ajuda.

Ficamos ali, escutando a chuva cair nas folhas.

Naquela tarde, aprendi que **ser forte não é ignorar a tristeza**, mas **abraçá-la com respeito, sem deixar que ela vire morada**.

Chorei sem culpa.

E, no meio do pranto, comecei a entender: que **sentir dor** também é **caminho pra cura.**

Capítulo 3 – O peso da solidão

Era noite, e a casa estava cheia de gente...

Mas dentro de mim, era só eco.

Falaram comigo, sorriram, fizeram piada — e eu até sorri também.

Mas era como se ninguém estivesse realmente ali.

Ou como se eu mesmo não estivesse.

Depois que todos se foram, me recolhi no meu cantinho favorito.

Sentei no chão, e a solidão sentou comigo.

Foi quando ouvi o estalo do cachimbo.

Pai Jacó chegou e se acomodou no banquinho. Ficou um tempo calado, só olhando a chama tremeluzente da vela.

— Solidão, fio… é quando tu sente falta até de ti mesmo.

— Mas por que eu me sinto tão sozinho, mesmo com tanta gente ao redor?

Ele soprou a fumaça devagar, como quem responde com o tempo:

— Porque solidão não é ausência de gente. É ausência de vínculo.

É quando tua alma grita e ninguém escuta — nem tu mesmo.

— Então o que eu faço?

— Tu começa te escutando.

Tu para de fugir de ti.

E aprende a ser tua própria companhia, antes de esperar que alguém seja.

— Mas dói...

— Dói sim.

Mas a dor da solidão pode virar remédio, se tu aprender a se amar no silêncio.

Porque às vezes, o que falta não é presença dos outros…

É a tua presença em ti mesmo.

Fechei os olhos.

Naquela noite, fui ficando ali, comigo.

E pela primeira vez, no meio do vazio, percebi uma coisa bonita:

Eu estava me ouvindo.

E isso… era o começo de tudo.

Capítulo 4 – Desilusão: o fim da ilusão, não do amor

Eu achava que tudo daria certo.

Que aquela pessoa era "a certa", que aquele plano era "o escolhido", que aquele sonho era "meu destino".

Mas não foi.

O chão saiu debaixo dos pés, e o coração desabou sem ter onde se segurar.

Fiquei ali, encarando o nada.

Doendo em silêncio. Desiludido.

Foi quando Pai Jacó chegou, carregando uma xícara de chá. Sentou do meu lado e ofereceu sem pressa.

— Desilusão dói, fio.

Mas às vezes é a alma limpando a lente do coração.

— Eu me sinto bobo... enganado...

Ele assentiu com a cabeça, como quem entende cada palavra não dita.

— A gente não sofre porque amou errado.

A gente sofre porque esperava demais daquele que ainda não sabia dar.

A ilusão é bonita, mas ela tapa a visão.

E quando ela cai… tu enxerga.

— Então tudo foi em vão?

— Nada que ensina é em vão.

Mesmo o amor que não ficou, mesmo o plano que não vingou, mesmo o sonho que desfez… tudo isso te trouxe aqui.

E aqui, fio… tu tá mais perto de ti mesmo.

Eu encostei a cabeça no ombro dele. Ele passou a mão no meu cabelo, como quem abençoa.

— A desilusão é o fim da mentira doce.

Mas também é o começo da verdade amarga — e, por isso mesmo, libertadora.

— Então eu posso amar de novo?

Ele sorriu.

— Pode.

E vai.

Mas agora com olhos abertos e alma leve.

Sem grudar, sem mendigar.

Amar sem ilusão… é amar de verdade.

Capítulo 5 – No limite da razão

A mente gritava.

O coração tremia.

Tudo fazia barulho por dentro, mas por fora… silêncio.

As pessoas falavam comigo, mas parecia que vinham de outro planeta.

Eu ouvia, mas não entendia.

Olhava, mas não via.

Sentia, mas não sabia o quê.

Era como se um vento tivesse bagunçado todas as gavetas da minha alma.

Eu não sabia mais quem eu era.

Nem por quê doía tanto.

Foi nesse vendaval interno que Pai Jacó apareceu. Não falou. Não julgou. Só me olhou com aquela calma que abraça a tempestade.

— Pai… acho que tô ficando louco.

Ele não se assustou. Só sorriu com ternura.

— Fio… louco é quem perde o caminho de volta pra si mesmo.

Mas tu ainda tá procurando.

E quem busca com verdade… já tá mais lúcido do que pensa.

— Mas eu não sei mais o que é real. Tudo em mim se embaralhou...

Ele puxou uma erva do bolso e começou a preparar um chá.

— A mente é como um rio.

Às vezes, ela transborda.

Outras, seca.

Quando a razão some, é porque a alma tá tentando falar de outro jeito.

— E como eu escuto, se tudo em mim parece confuso?

— Tu não precisa entender agora.

Só precisa se cuidar, se acolher e confiar.

Até a mente mais escura reencontra o sol, se tiver paciência pra atravessar a noite.

Tomamos o chá em silêncio.

Naquela noite, não fui curado. Mas fui compreendido.

E às vezes, isso é tudo que a alma precisa pra não se perder de vez.

Capítulo 6 – O grito silencioso

(Sobre o suicídio e a escuta amorosa)

A dor era tanta que o corpo já nem sentia.

Era um vazio tão fundo que nem o choro alcançava.

A alma tinha desistido de pedir socorro em voz alta — então gritou em silêncio.

Ali, sentado no escuro, eu já não queria partir.

Mas também não queria ficar.

Foi nesse momento, onde o tempo parece parar, que **Pai Jacó** se aproximou. Não com pressa. Não com discurso. Só com presença.

Sentou ao meu lado, como quem entende o que as palavras não conseguem dizer.

Ficamos ali.

Sem luz.

Sem consolo.

Apenas com **respeito ao silêncio da alma ferida**.

Depois de um tempo, ele disse bem baixinho:

— Fio… tu não quer morrer.

Tu só quer que a dor pare.

Mas se tu for embora agora, leva a dor junto.

E ela volta.

Noutro corpo.

Noutro tempo.

Só que mais fundo.

Senti a garganta apertar.

— Mas eu tô cansado, Pai…

Ele encostou sua mão quente na minha.

— **Eu sei.**

Mas escuta: tu chegou até aqui.

Isso já é coragem.

Agora, deixa a dor descansar contigo.

Não tenta lutar com ela hoje.

Só fica. Só respira. Só aceita o meu colo.

— E se eu não conseguir melhorar?

— **A gente melhora aos pouquinhos.**

Como quem costura a alma com linha de afeto.

Tem dia que tu só precisa ficar quieto.

Nesses dias, lembra: tu não tá só.

Eu tô aqui.

E o Alto também.

Mesmo que tu não veja, tem luz esperando tua alma lembrar que nasceu pra brilhar.

Chorei.

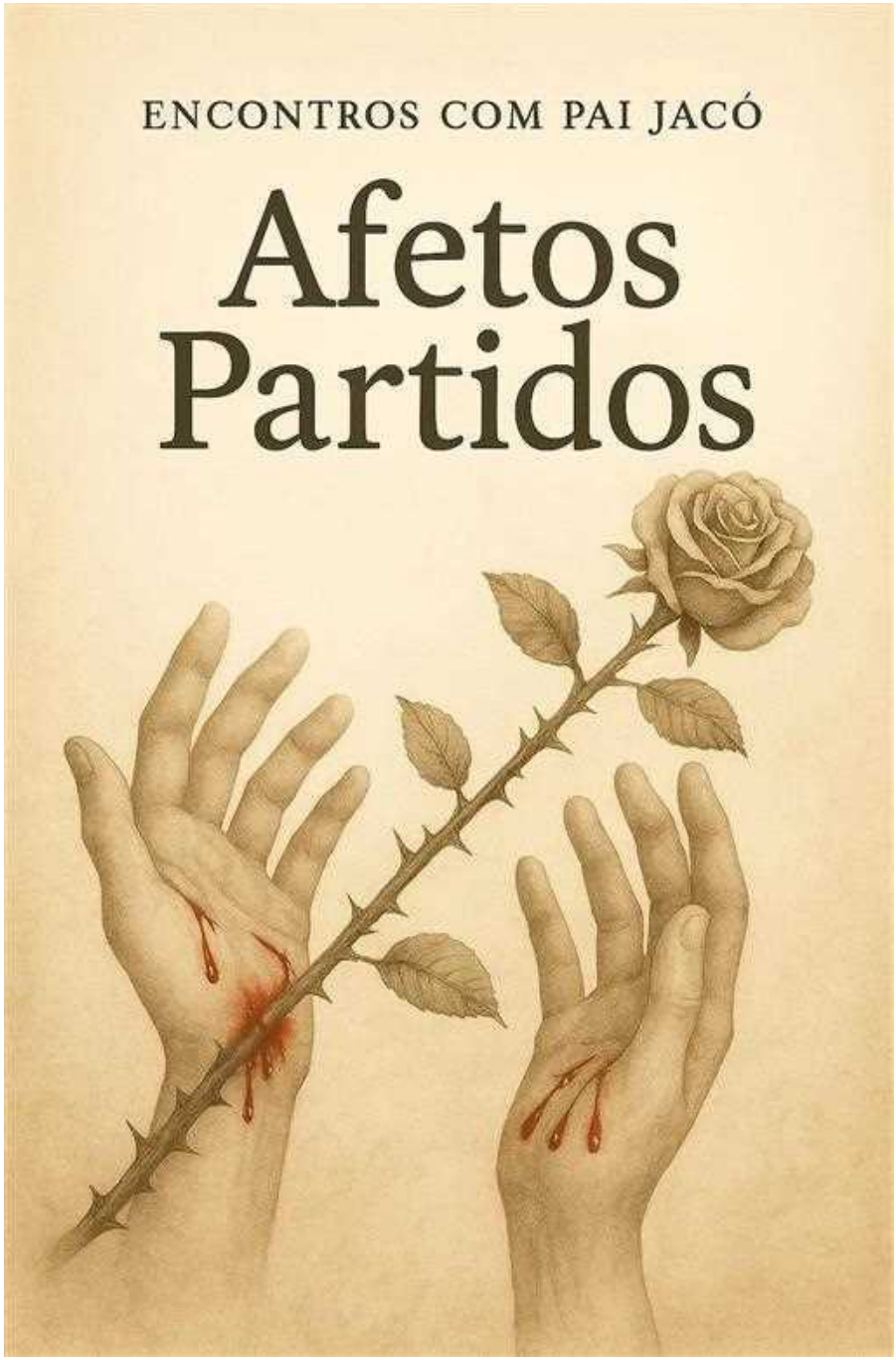
Não de tristeza.

Mas de alívio por ter alguém que **não fugiu da minha dor**.

Naquela noite, não fui salvo com milagres.

Mas fui salvo com amor.

E isso… é o que resgata uma vida que pensa que já não tem mais saída.


ENCONTROS COM PAI JACÓ
Afetos
Partidos

Capítulo 7 – Quando o amor vira espinho

(Sobre relacionamentos que ferem)

Eu pensei que era amor.

Acreditei que era cuidado.

Me entreguei com verdade, mas, aos poucos, fui me apagando.

Cada palavra dura, cada silêncio frio, cada gesto sem presença…

Fui ficando menor dentro de mim.

Até que um dia, não doeu mais por fora — doeu por dentro.

Como se eu estivesse em cacos, mas sorrindo pra disfarçar.

Sentei no meu cantinho sem falar nada.

Pai Jacó apareceu e olhou nos meus olhos com firmeza.

— Quem te fez acreditar que amor tem que doer, fio?

— Mas, eu amo, Pai…

Eu disse, quase como desculpa.

Ele assentiu com respeito:

— Tu ama, sim.

Mas quem disse que amar é o mesmo que aceitar se ferir?

Tem amor que não é ruim… mas é doente.

E às vezes, amar é saber se afastar pra não morrer por dentro.

— Então eu errei em amar?

— Nunca.

O erro não é amar.

É se abandonar pra ser aceito.

É ficar onde não há troca, só entrega.

É esquecer de si pra caber no outro.

— Mas eu não quero desistir...

— **Desistir de se anular não é desistir do amor.**

É escolher amor com dignidade.

É lembrar que quem ama de verdade… não fere, não apaga, não prende.

Quem ama cura, respeita, enxerga.

Pai Jacó se levantou, pegou uma rosa do jardim e tirou um espinho com cuidado.

— Toda rosa tem espinho.

Mas não se entrega a quem só segura o espinho e esquece da flor.

Tu merece flor com mão leve.

Tu merece amor que cuida — e que começa em tu mesmo.

Respirei fundo.

Naquela hora, entendi que **ficar com medo de estar só… é a forma mais cruel de solidão.**

E eu decidi me escolher.

Capítulo 8 – Ilusões que o coração inventou

O coração é uma fábrica de imagens.

Ele cria histórias, pinta finais, inventa personagens — às vezes sem perceber que tudo é feito de fumaça.

Eu me peguei preso numa dessas histórias.

Era uma ilusão tão bonita, que parecia real demais para ser mentira.

Mas, no fundo, eu sabia que algo não encaixava.

Sentei no meu cantinho favorito, meio cansado de tanto tentar encaixar as peças que não se ajustavam.

Pai Jacó se aproximou, com seu passo calmo, cheiro de erva e a sabedoria quieta que sempre acalma.

— Pai, por que o coração se engana? — perguntei, olhando para o chão.

Ele sorriu, com a paciência dos sábios que já viram muitas almas se perderem na própria criação.

— Porque o coração tem sede de amor, e quando ele não encontra, inventa.

A ilusão nasce da carência, da espera, da fome de sentir que importa.

— Mas isso só faz a dor crescer... — disse eu, apertando o peito.

— Claro que sim — respondeu ele, calmamente — **A ilusão é um remédio amargo: alivia a sede, mas não cura a sede.**

Ela é como o veneno que a gente toma acreditando que vai virar antídoto.

Fiquei pensando.

Quantas vezes não tinha me enganado para não encarar a verdade dura?

Quantas vezes preferi a mentira doce para não sentir o vazio?

— E como eu saio dessa roda, Pai?

— A saída é a verdade nua e crua, fio.

Não a verdade que os outros te contam, nem aquela que tu desejas que seja.

Mas a verdade que arde no peito quando tu para de fugir.

— E dói demais...

Ele assentiu. — **Toda verdade que liberta dói. Mas a dor da ilusão é pior, porque prende e cega.**

Ele levantou, pegou um punhado de terra do chão e me mostrou.

— Olha aqui, fio.

A terra é humilde, simples, mas é o começo de tudo.

É na terra que a semente rompe a casca da ilusão e começa a crescer a planta da vida verdadeira.

— Então eu preciso cavar fundo?

— Precisa.

Cavar fundo em ti mesmo, até encontrar o que é real.

Até sentir que o amor maior é aquele que tu tens por ti mesmo.

Porque só quem se conhece e se respeita pode sair da ilusão e se abrir para o que é de verdade.

Respirei fundo.

Pai Jacó sentou ao meu lado e passou a mão no meu ombro, firme e quente.

— Não tenha pressa, fio.

Cada passo é uma vitória.

Cada ilusão que cai é uma luz que nasce.

E eu tô aqui, do teu lado, até tu encontrar o caminho de volta pra casa — pra tua alma.

Ficamos ali em silêncio, enquanto o céu começava a se abrir e a lua acendia sua luz discreta.

Naquele instante, entendi que o coração inventa ilusão para se proteger.

Mas ele também tem a força para se despir e se abrir para a vida verdadeira.

E que eu não precisava fazer isso sozinho.

Capítulo 9 – Magoou, e agora?

A mágoa chegou como uma pedra no peito.

Pesada, fria, insistente.

Aquele sentimento que não quer ir embora, que repete as cenas ruins na cabeça, que insiste em reviver o que doeu.

Sentei na varanda, olhando as estrelas.

O silêncio parecia gritar.

Foi quando ele chegou devagar, cachimbo apagado na mão, olhar cheio de calma.

— Fio, tu tá com essa pedra aí, né? — ele perguntou sem pressa.

— Tá difícil... não consigo esquecer, eu disse, com a voz cheia de cansaço.

Ele sorriu, simples, como quem entende o que não se diz.

— Magoa é isso: a alma que se prende no que queima.

— Mas por que dói tanto? Por que não consigo perdoar?

Perguntei, quase implorando.

Pai Jacó olhou pra mim como quem segura um bebê que chora.

— Porque perdoar não é esquecer o que te fizeram.

Perdoar é libertar teu coração da prisão do rancor.

— Mas e se eu perdoar e a pessoa magoar de novo?

Ele passou a mão no meu ombro com ternura.

— Quem guarda mágoa espera que o outro mude.

Mas o único que tu pode mudar, fio, é a tua própria alma.

— E se eu não conseguir?

— A mágoa tem tempo e também tem espaço.

Tem tempo pra se apegar e tempo pra soltar.

Tem espaço pra dor e tem espaço pra cura.

Pai Jacó acendeu o cachimbo e soprou a fumaça devagar.

— Tu não precisa sair correndo atrás do perdão.

Pode começar pequeno, só deixando a pedra um pouco no chão.

Só um pouco.

A pedra não vai sumir do dia pra noite, mas a alma vai ganhar fôlego pra carregar ela.

— E o que eu faço com essa dor?

— Tu acolhe.

Não finge que não existe.

A dor é aviso e também professor. Ela ensina onde a gente ainda precisa crescer.

Ficamos ali, em silêncio, até que eu senti a pedra no peito ficar um pouco mais leve.

Não tinha sumido, mas não me esmagava tanto.

— Magoou, fio? Tá doendo? Tá difícil?

Pai Jacó sorriu com aquela sabedoria simples:

— Então se dá tempo.

Se dá amor.

E, quando o coração estiver pronto, tu vai soltar essa pedra.

Sem pressa.

Sem culpa.

Só no tempo da tua alma.

Capítulo 10 – Perdão é caminho

A manhã amanheceu sem cor.

O coração estava pesado, ainda machucado das mágoas que vieram antes.

Mesmo depois de chorar, escrever, orar… ainda doía.

Foi quando Pai Jacó surgiu, de repente, sentado na beirada do sonho, como quem visita sem bater na porta.

— Fio… ainda guardando espinho no coração?

— Eu tô tentando perdoar, Pai Jacó… mas não consigo.

Parece que quanto mais eu tento, mais volta tudo na cabeça.

Ele sorriu. Um sorriso manso, sem julgamento.

— Tu quer perdoar como se fosse botão de apagar.

Mas perdão não é mágica. É estrada.

— Estrada?

— É… um caminho que se anda por dentro.

Não começa na boca, começa no peito.

Primeiro tu para de alimentar o rancor.

Depois tu escuta a dor com respeito.

Depois de muito andar… tu encontra a paz.

— Mas tem gente que não merece perdão.

Ele olhou firme, sem deixar de ser doce.

— E tu merece carregar essa dor pra sempre?

Perdoar não é dizer que o outro tava certo.

É dizer que tu merece seguir em frente.

— Mas se eu perdoar e o outro não mudar?

— Então tu perdoa e solta.

O outro que lide com o que planta.

Tu, fio… planta liberdade.

— E se o perdão não vier de verdade?

— Aí tu ora, tu fala com Deus, tu fala com tua alma.

Tu se aproxima do perdão, um passo por dia.

Um dia tu vai ver…

Vai lembrar e não vai doer mais.

Vai lembrar e vai sentir compaixão, não raiva.

Esse é o sinal: o perdão chegou.

Ele me olhou fundo, como quem vê além das palavras.

— Perdão é caminho de volta pra ti mesmo.

É como abrir uma porta que tu fechou por medo… e reencontrar a luz depois de tanta escuridão.

Ele levantou, pegou seu bastão e se preparou pra partir.

Antes de sumir no nevoeiro dos sonhos, deixou um último conselho:

— Quando tu não souber mais o que fazer… ama.

Ama a ti.

Ama tua história.

Ama até tua dor.

Porque o amor, fio… é o mapa que leva até o perdão.

E então ele se foi, deixando um rastro de paz.

Fiquei ali, respirando fundo, com o coração um pouquinho mais leve.

Ainda doía, mas já dava pra andar.

Perdão é caminho.

E eu resolvi caminhar.

ENCONTROS COM PAI JACÓ
Reconstrução e sabedoria

Capítulo 11 – Quando a culpa aperta

A culpa é como nó na garganta.

Não grita, mas pesa.

Não sangra, mas corrói devagarinho por dentro.

É aquela voz baixa, repetindo: "Você errou. Você machucou. Você não merece."

Foi num desses dias que a culpa apertava que Pai Jacó chegou.

Sentou ao meu lado, como sempre fazia, e ficou em silêncio por um tempo. Depois disse com calma:

— Tá se punindo de novo, fio?

— Eu não consigo esquecer o que fiz…

— E o que tu quer fazer com isso?

Se afundar ou aprender?

Engoli seco. Queria desaparecer, fugir de mim.

Ele continuou:

— A culpa quando fica parada, apodrece.

Mas se tu transformar ela em arrependimento sincero, ela vira adubo pra alma crescer.

— Mas eu machuquei gente que eu amava.

— Então reza por eles.

Se puder, pede perdão.

Se não puder, transforma tua vida em gesto de reparação.

O universo escuta os passos que a alma dá pra consertar o que quebrou.

— E se eu não for perdoado?

Pai Jacó respirou fundo.

— O perdão do outro não tá no teu controle.

Mas o teu compromisso com a mudança… esse sim é teu.

— E se eu não conseguir me perdoar?

Ele olhou nos meus olhos e disse baixinho:

— Então olha pra tua humanidade.

Tu não nasceu pronto.

Tu tá aprendendo.

Todo mundo cai.

Mas nem todo mundo escolhe levantar diferente.

— E Deus?

Será que Ele me perdoa?

Pai Jacó sorriu com ternura:

— Deus te perdoa antes mesmo de tu pedir.

Mas Ele espera que tu se perdoe também.

Porque só quem se perdoa consegue amar de novo com o coração inteiro.

Fiquei em silêncio, com as lágrimas descendo.

Não era tristeza — era alívio.

Pela primeira vez, a culpa não parecia me esmagar.

Ela só me lembrava que eu podia recomeçar.

Pai Jacó levantou, deu dois toques no chão com seu cajado e disse:

— Quando a culpa apertar, não se esconda.

Escuta, aprende, transforma.

E depois… segue.

Capítulo 12 – Se a vida cansa

Tem dia que a alma parece carregando pedra.

Nada anima.

Nada consola.

Nem o café quente, nem o sol lá fora.

O corpo vai, mas o coração fica pra trás.

Foi num desses dias que eu falei:

— Pai Jacó, hoje eu não dou conta.

Ele apareceu devagarinho, como brisa mansa em tarde quente. Sentou ao meu lado, coçou a barba e disse:

— E quem disse que tu precisa dar conta todo dia, fio?

— Mas se eu parar… tudo desanda.

— Não é parar… é descansar.

Até o rio, quando encontra uma pedra grande, desacelera.

E nem por isso ele deixa de ser rio.

Suspirei fundo. A mente ainda cheia, o peito apertado.

— Eu tô cansado da luta.

— É porque tu tá lutando sozinho.

Até Deus, que é Deus, manda anjo pra ajudar quem pede com o coração.

Fechei os olhos.

Não queria falar.

Só ficar ali.

E Pai Jacó, respeitando meu silêncio, só disse:

— Tem cansaço que é do corpo.

Uma rede resolve.

Mas tem cansaço que é da alma.

Esse precisa de acolhimento.

De colo.

De prece.

De um banho de fé.

— E se eu tiver perdido? — perguntei.

— Se tiver perdido, para.

Olha pro céu.

Ele não te julga por se perder.

Te guia de volta, todo dia, com paciência.

— E se eu não tiver forças?

— Então se arrasta.

Ou se deita.

Mas não desiste.

Porque até a noite mais escura termina em amanhecer.

As palavras dele foram entrando em mim como bálsamo.

Não resolveram tudo.

Mas me trouxeram calma.

E às vezes, é só isso que a gente precisa pra continuar.

Antes de partir, Pai Jacó me olhou com firmeza e doçura:

— A vida cansa mesmo, fio.

Mas não é porque ela cansou que ela deixou de ser sagrada.

Respeita teu tempo.

Recolhe teu espírito.

E quando tiver pronto… volta pro caminho.

Eu estarei aqui.

Sempre.

Capítulo 13 – O medo que paralisa

O medo tem hora que não grita.

Sussurra baixinho, quase sem a gente notar.

Ele se veste de dúvida, de preguiça, de adiamento.

Se esconde no "depois eu faço", no "ainda não tô pronto", e ali constrói morada.

Era um dia assim…

Eu olhava pra frente e só via névoa.

Sentia que precisava mudar, mas não conseguia sair do lugar.

Então Pai Jacó chegou, cachimbo na mão e olhos de quem enxerga por dentro.

— Medo, fio? — ele perguntou sem que eu dissesse palavra.

— Medo, sim… — respondi quase sussurrando — … de errar, de sofrer, de não dar conta.

— E tu acha que coragem é ausência de medo?

— Não é?

Ele soltou uma risada baixa, daquelas que vem com compaixão.

— Coragem é andar com medo mesmo.

É olhar pra ele e dizer: "vem comigo, mas quem guia sou eu."

Fiquei em silêncio.

As mãos suavam, o coração batia apressado.

— O medo paralisa quando tu escuta só ele.

Mas se tu aquieta, tu escuta outra voz lá dentro: a da tua alma.

E alma que tem propósito reconhece o caminho, mesmo no escuro.

— Mas e se eu cair, Pai Jacó?

— Vai cair. Todo mundo cai.

Mas quem cai aprendendo, levanta diferente.

Mais forte.

Mais sábio.

Com menos ilusão e mais fé.

Ele se levantou, olhou pro horizonte e disse devagar:

— Medo é bom, fio.

Ele avisa o perigo.

Mas não pode ser o dono da tua vida.

Senão, tu vive só na teoria.

E alma encarnada veio pra experimentar.

Sentir, chorar, rir, tentar...

E continuar.

— Então como eu venço o medo?

Pai Jacó apontou o dedo pro meu coração:

— Amando.

Amando tua história, teus limites, teu passo.

Amando tua alma mesmo com as rachaduras.

Porque quem se ama… caminha.

Mesmo tremendo, mas caminha.

E com um sorriso que era mistura de pai, avô e anjo, ele se despediu:

— Vai, fio.

Mas vai com fé.

Porque coragem é quando tua vontade de crescer fala mais alto que teu medo de sofrer.

Capítulo 14 – A falta de amor-próprio

Tem dia que a gente se sente pequeno.

Olha no espelho e não gosta do que vê.

A alma parece opaca, o coração desbotado.

E o pior: a gente começa a se tratar como se não valesse muito.

Foi num dia desses que sentei no meu cantinho.

Cansado de me cobrar tanto.

Cansado de esperar que os outros me amassem como eu gostaria de ser amado.

Pai Jacó apareceu sem alarde, como brisa entrando por fresta de janela. Sentou-se devagar, e sem me julgar, disse baixinho:

— Tu anda esquecendo de ti, fio…

— Eu ando me sentindo tão pouco, meu Pai…

— Isso não é verdade.

Tu não é pouco.

Tu só esqueceu de se lembrar de quem é.

Fiquei quieto.

Às vezes, o silêncio fala mais que as palavras.

— A falta de amor-próprio é como sede com o pote vazio.

Tu quer beber dos outros, mas esquece de encher teu pote primeiro.

E ninguém pode beber da gente… se a gente mesmo vive seco.

— Mas por onde começar, Pai?

Como é que a gente aprende a se amar?

Ele olhou fundo, e respondeu:

— Começa parando de se ferir com pensamentos ruins.

Para de se maldizer, fio.

Tu não é defeito.

Tu é processo.

Tu é caminho.

E até as estradas mais belas têm curvas e buracos.

— Mas eu errei tanto…

— E quem nunca errou que atire a primeira oração, fio.

Errar não te faz indigno.

O que te mantém digno é continuar tentando ser melhor.

Um pouquinho por dia.

Fechei os olhos.

Vieram-me à mente os momentos em que me rejeitei, me cobrei, me diminuí.

Pai Jacó continuou:

— Se olha com os olhos de Deus.

Ele não vê tuas falhas.

Ele vê tua essência.

Se perdoa.

Se acolhe.

Se dá colo com pensamento bom.

Se presenteia com silêncio, descanso, cuidado.

— Mas isso não é egoísmo, Pai?

— Egoísmo é esperar que o outro te ame do jeito que tu mesmo não se ama.

Amor-próprio é raiz.

Sem raiz forte, a árvore tomba no primeiro vento.

Levantei-me devagar.

Não curado, mas consciente.

E às vezes, a consciência é o primeiro passo da cura.

Antes de ir, Pai Jacó disse:

— Quando faltar amor-próprio, não busca fora.

Fecha os olhos e se pergunta:

"O que eu diria a mim mesmo se fosse meu melhor amigo?"

Seja isso pra tu.

E tua alma volta a florescer.

Capítulo 15 – A alma grita

Tem dias em que o corpo tá calmo, mas a alma... grita.

Grita nas entrelinhas do silêncio.

Grita num cansaço que não passa com sono.

Grita num aperto no peito que ninguém vê.

Foi assim numa tarde nublada, quando tudo parecia normal… por fora.

Por dentro, era outra história.

Um redemoinho de emoções sem nome me arrastava.

Nem sabia o que pedir, só queria que aquilo parasse.

Foi quando ouvi os passos lentos de Pai Jacó.

A presença dele é como abraço antes mesmo de encostar.

Sentou-se ao meu lado e ficou em silêncio. Até que disse, olhando o horizonte que só ele parecia enxergar:

— Tem alma que grita, fio, mas nem sempre com a boca.

Às vezes grita com tristeza disfarçada de força.

Com sorriso escondendo exaustão.

Com raiva pedindo socorro.

Assenti com os olhos marejados.

Ele continuou:

— O corpo é valente… aguenta muito.

Mas a alma, fio, quando grita, é porque chegou no limite do calar.

E tu precisa escutar ela antes que ela adoeça de tanto se engasgar.

— Mas como ouvir, Pai?

Tá tudo confuso dentro de mim…

— Escuta tua tristeza sem medo.

Ela não é tua inimiga.

Ela é tua parte esquecida pedindo atenção.

— Mas dói…

— Dói mesmo, fio.

Mas fugir da dor só prolonga o caminho.

Escutar a alma é como sentar ao lado de uma criança ferida.

Ela precisa que tu pare, olhe nos olhos dela e diga: "Eu tô aqui. Tô te ouvindo. Me conta."

Fechei os olhos.

E pela primeira vez em muito tempo, eu mesmo me perguntei: "Do que é que eu tô fugindo?"

Pai Jacó pôs a mão em meu ombro e disse:

— Toda alma que grita quer ser acolhida.

Não com julgamento.

Mas com gentileza.

Tu não precisa resolver tudo agora.

Só precisa aprender a se escutar.

Respirei fundo.

A alma ainda doía, mas parecia… menos sozinha.

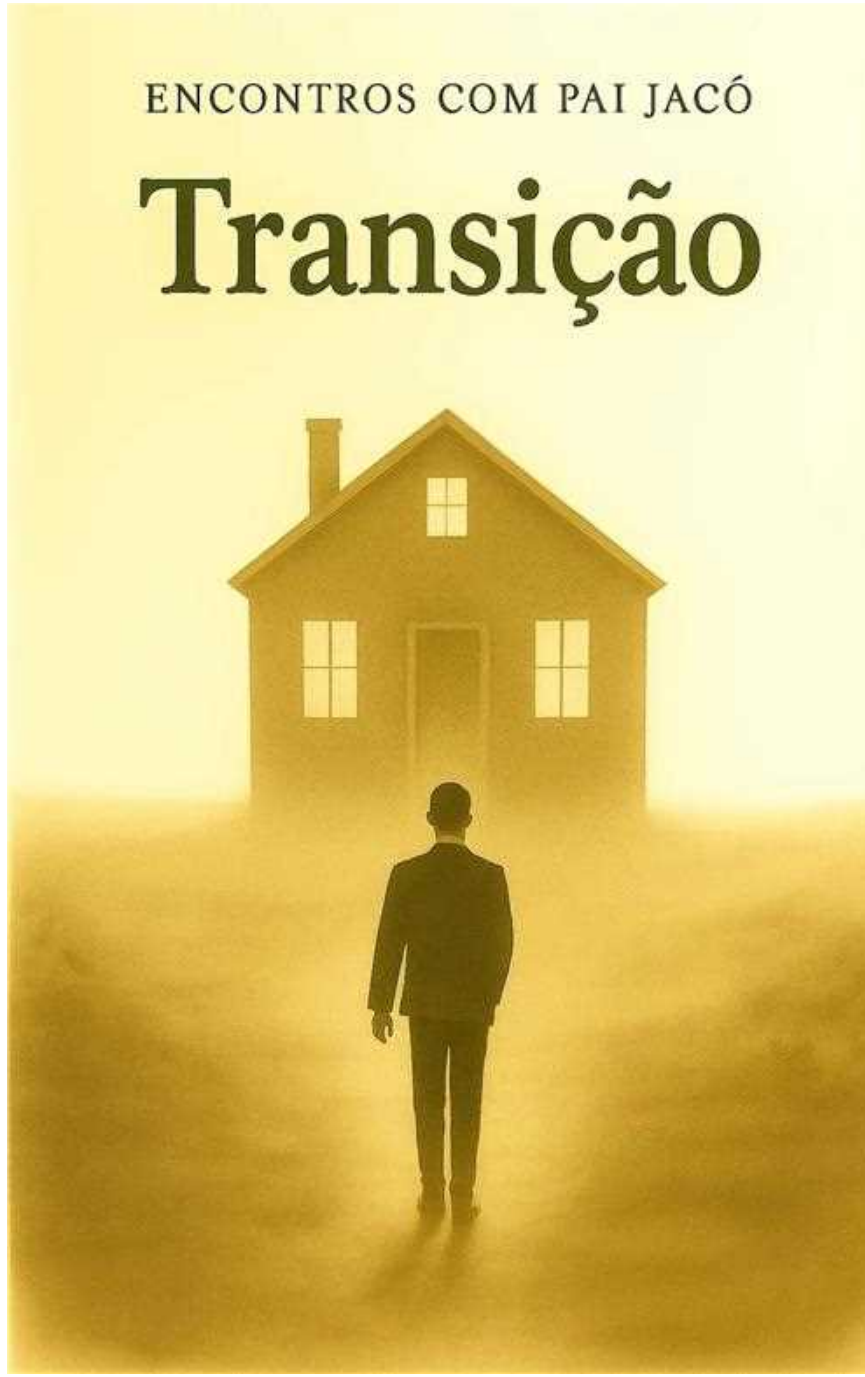
Ele finalizou:

— Fio, escutar a alma é como limpar o quintal interno.

Tira folha seca, joga fora o que pesa, deixa a luz entrar.

E aí… ela para de gritar.

Porque sabe que, enfim, foi ouvida.


ENCONTROS COM PAI JACÓ
Transição

Capítulo 16 – A vida pede pausa

A gente corre, corre…

Cumpre horários, entrega tarefas, resolve problemas.

E nem percebe que o coração ficou lá atrás, cansado, ofegante.

Até que, um dia, o corpo trava.

A mente embaraça.

As emoções se embaralham.

E a vida… pede pausa.

Foi numa manhã dessas que tudo me parecia demais.

Demais barulho.

Demais cobrança.

Demais peso.

O mundo lá fora andava rápido, e eu… só queria deitar no chão e respirar.

Pai Jacó apareceu devagar, como quem não quer assustar passarinho cansado. Sentou-se à sombra de uma árvore e falou com voz de vento manso:

— Fio… até o rio sabe descansar.

Quando a correnteza aperta, ele larga o ritmo e vira lago.

Espelha o céu.

Silencia.

E volta a correr só quando pode ir com calma.

Olhei pra ele, sentindo o peso do mundo nas costas.

— Mas, se eu parar… tudo desanda.

— E se tu não parar, fio… quem desanda é tu.

A vida aguenta muito.

Mas ninguém nasceu pra ser máquina.

Nem tu, nem eu, nem o tempo.

Silêncio.

Só o canto dos passarinhos.

Como se o universo quisesse confirmar o que ele dizia.

— Descanso não é fraqueza.

É sabedoria.

É o intervalo entre duas respirações.

É o novo ciclo do recomeço.

É onde a alma se recompõe e o espírito escuta a própria voz.

— Mas e os outros, Pai?

Esperam tanto de mim…

— E tu, fio?

Quando vai esperar algo de si mesmo?

Te escutar?

Te respeitar?

O mundo vai seguir girando.

Mas tua paz… essa só tu pode escolher manter.

Suspirei.

E naquele momento entendi:

Pausar não é desistir.

É honrar o próprio limite.

É fazer da pausa uma prece silenciosa.

É confiar que até Deus descansou no sétimo dia.

Pai Jacó se levantou, me olhando com ternura:

— Vai, fio… descansa teu coração.

A alma precisa de sossego pra lembrar do que é feita. tu… tu é feito de luz, mas até a luz precisa de sombra pra brilhar direito.

Capítulo 17 – O perdão que liberta

Carregava comigo um peso antigo.

Uma dor que não doía no corpo, mas latejava na alma.

Era um nome, uma lembrança, uma cena repetida mil vezes no coração.

Mágoa antiga.

Injustiça guardada.

Silêncio engasgado.

Naquela tarde, fui até o meu cantinho do silêncio.

Nem falei nada.

Pai Jacó já sabia.

Ele olhou pra mim com os olhos de quem enxerga por dentro.

— Tá pesado, né, fio?

— Tá… — respondi, com a voz trêmula de quem segurou por tempo demais.

— E por que tu ainda carrega isso?

— Porque doeu… e ainda dói.

— Pois é…

Mas quem se fere e não perdoa, se condena a repetir a dor.

Ele se abaixou, pegou um punhado de terra, e deixou escorrer entre os dedos:

— Mágoa é como segurar areia molhada na mão fechada.

Quanto mais tempo tu segura, mais te suja, mais te aperta, mais te prende.

Mas se tu abre a mão… ela cai.

E o alívio vem.

Fiquei quieto.

O orgulho gritava. "Mas ela me feriu!", pensei.

Pai Jacó sorriu como quem lê pensamentos:

— Perdoar não é dizer que o outro tá certo.

É escolher não deixar que o erro dele continue te ferindo por dentro.

É se libertar da corrente que tu mesmo segura.

— Mas e se eu não conseguir?

— Então ora.

Ora pra entender.

Ora pra aceitar.

Ora até teu coração amolecer como barro nas mãos do Oleiro.

Ele colocou a mão sobre meu ombro com firmeza e compaixão:

— Perdão é o banho da alma, fio.

E alma limpa voa mais leve.

Não carrega corrente, nem nó, nem veneno.

Só amor.

E amor não dói.

Cura.

Fechei os olhos.

E pela primeira vez, deixei cair aquela dor.

Não porque o outro merecesse.

Mas porque eu merecia paz.

E no silêncio que se fez, escutei: **"Perdoar é se libertar do cárcere onde você mesmo é o carcereiro."**

E eu… enfim… fui livre.

Capítulo 18 – A alma pede verdade

Era noite.

O céu nublado parecia refletir o que eu sentia por dentro.

Andava perdido… não dos caminhos de fora, mas dos de dentro.

Parecia que usava máscaras, mesmo quando estava sozinho.

No silêncio da madrugada, voltei ao meu cantinho.

Pai Jacó me esperava, sentado diante de uma vela acesa no chão de terra batida.

— Chegou, fio? — disse ele, sem me olhar.

— Cheguei… mas não sei se sei mais quem eu sou.

— Então senta. É hora de tirar as vestes que não são tuas.

Sentei em silêncio, olhando a chama da vela dançar.

— A alma, meu filho, vive pedindo verdade.

Mas a mente vive costurando disfarces pra agradar os outros.

E nisso, a gente se perde de si.

Ele pegou um espelho pequeno e sujo, entregando-me:

— Olha.

— O que o senhor quer que eu veja? — perguntei.

— A si mesmo, sem as máscaras.

Sem o que disseram que tu devia ser.

Sem o medo de decepcionar.

Sem o peso de parecer forte quando tá fraco.

Olhei.

E por um instante, vi nos meus olhos o menino esquecido, o jovem inseguro, o adulto exausto.

Vi as verdades que escondi até de mim.

— E se eu não gostar do que vejo? — perguntei, com um nó na garganta.

— Então ama com paciência.

Cuida com carinho.

Porque só se cura o que se encara.

Só se transforma o que se aceita primeiro.

Ele continuou:

— Verdade não dói pra machucar.

Dói pra libertar.

É bisturi na ferida velha.

Corta… mas limpa. Arde… mas salva.

Fiquei ali, em silêncio, chorando por dentro.

Não de tristeza.

Mas de alívio.

Porque, pela primeira vez em muito tempo, parei de me esconder de mim mesmo.

Pai Jacó soprou a vela. A escuridão tomou conta… mas eu não tive medo.

Porque agora, eu sabia onde acender minha luz.

Capítulo 19 – Solidão que ensina

Havia dias em que o mundo parecia distante.

Gente ao redor… mas silêncio por dentro.

A solidão chegava mansa, sem bater à porta.

E quando eu percebia, já estava sentada ao meu lado.

Nesse dia, cheguei ao cantinho favorito da alma.

Sentei-me, sem palavras nem preces.

Só o peso de estar só.

Pai Jacó veio devagar, como quem pisa no coração da gente com respeito.

— Tá se sentindo só, fio?

Assenti com os olhos.

Ele se sentou ao meu lado, sem dizer nada por alguns minutos.

Apenas dividiu o mesmo silêncio.

— Sabe… a solidão é professora braba, mas justa - começou ele.

Quando ela chega, é porque tem ensinamento que só o silêncio ensina.

— Mas dói, Pai Jacó…

— Dói sim.

Porque tu tá acostumado a se distrair dos vazios.

Mas quando tudo cala, o que mora dentro grita.

E é aí que tu escuta tua alma pela primeira vez.

Ele pegou um galho seco do chão, desenhou um círculo na terra:

— A solidão é esse espaço aqui, ó…

É o intervalo entre o que tu era… e o que vai se tornar.

É útero espiritual.

Parece escuro, mas é fértil.

Te gera de novo.

— Então ela não é castigo? — perguntei, surpreso.

— Não, fio…

É convite.

Pra tu se reencontrar.

Pra ouvir tua própria voz sem eco dos outros.

Pra redescobrir o que realmente te sustenta por dentro.

Fechei os olhos.

Na ausência de ruídos, encontrei antigos sonhos.

Escutei feridas pedindo colo.

E lembrei-me da minha própria companhia… esquecida há tanto tempo.

Pai Jacó me olhou com ternura:

— Quando tu aprende a amar tua presença, a solidão deixa de ser inimiga… e vira amiga que te prepara pro reencontro com a vida.

Levantei devagar.

Ainda só… mas agora em paz.

Porque compreendi que há dias em que a alma precisa se recolher… pra poder florescer por inteiro depois.

Capítulo 20 – O silêncio fala

O silêncio não é vazio.

É o espaço onde a alma sussurra sua verdade.

Mas para ouvir, é preciso calar o barulho do mundo… e também o ruído que carregamos dentro.

Numa tarde calma, sentei-me sozinho na varanda, olhando o céu que parecia um vasto manto azul.

Tudo estava quieto.

O vento mal mexia as folhas.

E eu queria entender o que Pai Jacó sempre dizia: **"O silêncio fala, filho, só quem escuta aprende."**

No começo, só veio o vazio.

Mas aos poucos, vieram as lembranças, as emoções, as perguntas sem respostas.

O silêncio abriu portas dentro de mim.

Foi aí que ouvi a voz mais importante: a minha.

Não aquela que discute, reclama ou teme…

Mas a voz suave da esperança, da fé, do amor que nunca morre.

Pai Jacó apareceu, sorrindo tranquilo:

— No silêncio, a gente se encontra de verdade.

É ali que Deus fala, não com palavras, mas com presença.

Quando o mundo cala, o coração escuta.

Ele me pediu que fechasse os olhos e respirasse fundo, que sentisse cada respiração como um abraço da vida.

— O silêncio cura, porque ele desmonta a pressa, a ansiedade, o medo.

Ele devolve a paz que você perdeu na correria da existência.

É nele que a transformação começa.

Compreendi que o silêncio não era ausência, mas um convite para um diálogo profundo comigo mesmo e com o divino.

Não era fuga, mas caminho.

Desde então, aprendi a buscar o silêncio mesmo em meio ao barulho, a dar espaço para que a alma fale, para que a vida se revele em sua essência mais pura.

O silêncio é o terreno fértil onde nasce a verdadeira sabedoria.

Capítulo 21 – Volta Pra Casa, Fio...

(Encontro final com Pai Jacó)

A noite estava calma, e o céu, mais estrelado do que eu lembrava.

Sentei no cantinho favorito, sentindo a brisa leve tocar o rosto, como um abraço que atravessa o tempo e o espaço.

O silêncio ao redor era uma conversa antiga, cheia de memórias que nem precisavam ser faladas para serem sentidas.

Foi então que Pai Jacó apareceu, como sempre, sem pressa, com seu olhar tranquilo e a sabedoria carregada no peito.

Sentou no banquinho ao meu lado, acendeu o cachimbo e soltou aquela fumaça que parecia desenhar palavras invisíveis no ar.

— Fio — ele disse, com voz suave e firme — chegou a hora de voltar pra casa.

Meu coração apertou, não de medo, mas de um misto de alívio e saudade que eu nem sabia que morava em mim.

— Casa, Pai? — perguntei, meio confuso.

Ele sorriu, aquele sorriso de quem sabe que o caminho é mais importante que o destino.

— Casa não é só o lugar onde tu nasceste, nem a casa feita de tijolo e telhado.

Casa é onde tu és inteiro.

— E onde é esse lugar?

— Tá dentro de ti.

Pai Jacó me lembrou que, depois de toda a dor, toda a luta e aprendizado, a maior jornada é a do reencontro com a nossa essência.

— Quando a alma se cansa de vagar, ela encontra no silêncio do coração o lugar onde pode descansar.

Eu respirei fundo, sentindo um calorzinho crescer dentro do peito.

— E se eu me perder de novo?

Ele me apertou a mão com força.

— Tu nunca está sozinho, fio. A casa sempre espera.

Naquele momento, entendi que voltar pra casa é mais que um destino: é um reencontro com a paz que habita em nós, é um abraço da vida que acolhe todas as nossas histórias, mesmo as que ainda estão sendo escritas.

Pai Jacó levantou-se devagar, apagou o cachimbo e ficou em pé olhando o céu.

— Vai com fé, filho.

A estrada é longa, mas o caminho é teu.

E sempre que quiser, volta aqui.

Voltar pra casa é um convite.

E eu sei que o meu lugar é esse: no amor, na esperança e na certeza de que, onde estiver, eu posso sempre recomeçar.

E assim, com o coração mais leve, eu levantei, disposto a seguir — sabendo que, por mais longe que eu vá, sempre há um lugar para onde eu posso voltar.

Casa - meu refúgio, minha alma.

Volta pra casa, fio...

Sempre.

Encerramento

Ao encerrar este livro, sinto no coração a necessidade de agradecer e reconhecer a presença transformadora de Pai Jacó em minha vida.

Mais que um mentor espiritual, ele tem sido um verdadeiro guia, uma luz constante que ilumina meus caminhos, mesmo nos momentos de maior escuridão.

A conexão que estabeleci com Pai Jacó transcende o mundo físico; é um vínculo profundo que toca minha alma e me fortalece nas adversidades.

Suas palavras, cheias de sabedoria e compaixão, têm sido como um bálsamo para minhas inquietações e dúvidas, me ensinando a olhar para dentro, a cultivar a paciência e a confiar na força do amor e da fé.

Este livro é fruto dessa relação singular, um registro das lições, dos diálogos e das experiências que foram moldando meu ser e minha caminhada espiritual.

Pai Jacó me mostrou que o verdadeiro encontro não está apenas fora, mas dentro de nós mesmos, no despertar da consciência e na busca pelo equilíbrio e pela serenidade.

Espero que estas páginas possam tocar o coração de quem as lê, trazendo conforto, inspiração e esperança.

Que cada palavra sirva para lembrar que, mesmo nas noites mais escuras, há um fio de luz que nos guia — e que, como Pai Jacó me ensinou, sempre podemos voltar para casa, para o lugar onde a alma encontra paz.

Com gratidão profunda, sigo adiante, sabendo que essa jornada é contínua e que a presença de Pai Jacó seguirá me acompanhando, como um amigo fiel, um conselheiro amoroso e uma força invisível que sustenta e renova.

Obrigado, Pai Jacó, por caminhar comigo, por acreditar em mim e me ensinar a confiar na vida, no amor e na minha essência divina.

Verão de 2025.

Pai Jacó

Pai Jacó é uma entidade espiritual venerada como Preto-Velho, conectada às linhas que representam sabedoria, humildade e caridade, especialmente no âmbito da cura física, emocional e espiritual.

Atua na limpeza de energias, equilíbrio da aura e fortalecimento da saúde corporal e espiritual.

É reconhecido por sua doçura e por transmitir "paz inexplicável" a quem o procura.

Pai Jacó teria nascido em Guiné em 1764, levado escravizado ao Brasil, e cuja humildade e resignação o tornaram um espírito de luz após a morte.

Viveu até os 83 anos, no século XIX, em Minas Gerais.

Também é conhecido como Antônio Silas ou Pae Jacó, e tem papel relevante no resgate de espíritos obsessores, por seu compromisso com a caridade e sua elevada condição espiritual.

O autor

OLIVIO CEZAR RODRIGUES DA SILVA nasceu em 05/01/1953 em Ipaussu, SP. Viveu algumas décadas em Salvador, onde trabalhou como engenheiro mecânico, professor universitário e consultor técnico. Atualmente está aposentado e vive em Portugal.

Trabalhou no movimento espírita por quatro décadas, nas seguintes instituições: Grupo da Fraternidade Leopoldo Machado (Salvador), Centro Espírita Chico Xavier (Salvador), Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (Salvador) e Centro Espírita Caridade e Luz (São Roque - SP) tendo exercido a função de presidente nas três ultimas casas. Atualmente frequenta o Seara de Luz, na cidade de Beiriz, norte de Portugal.

É autor dos livros: *A Era do Cordeiro, Nos Bastidores do Hospital Esperança, Correlações entre a Ciência e o Espiritismo*, *Corpos Sutis e Chacras, Nos Bastidores das Reuniões de Desobsessão*, *Diálogos com Pai Jacó, Encontros com Pai Jacó e Ensinamentos de Pai Jacó*. Co-autor com o médium Arthur Ângelo dos livros: *Os Planos Sutis ao Redor da Terra* e *Um Grito de Loucura*, ditados pelo Espírito Duarte Vilasboas.

Contatos, críticas e sugestões para:

oliviocezarsilva@gmail.com

SINOPSE

Este livro traz informações inéditas do mundo espiritual próximo à Terra, descrevendo comunidades do plano astral, detalhes da vida nas diversas camadas do Umbral e em planetas de planos espirituais próximos ao nosso orbe. Aborda aspectos históricos da origem do homem e das civilizações que já estiveram aqui, oriundas de diversas constelações, que utilizavam tecnologias de transporte avançadas, destacando sempre a Lei do Progresso, que estabelece os processos da evolução dos seres, sejam humanos ou extraterrestres.

Vamos conhecer a vida cotidiana nas cidades de Aruanda, Nosso Lar, Hospital Esperança, Campo Formoso e outras, abordando temas como: localização, alimentação, vestuário, moradia, lazer, trabalho, flora e fauna da região.

Elementais da natureza, entidades sob a forma de zoantropia, ovóides, dragões e magos negros, são alguns dos assuntos abordados ao longo da narrativa, sempre com uma visão abrangente e de vanguarda, revelando a diversidade de seres e planos convivendo de forma intensa.

SINOPSE

Afinal, por onde teria andado Jesus após Sua crucificação e morte até a madrugada da Ressurreição?

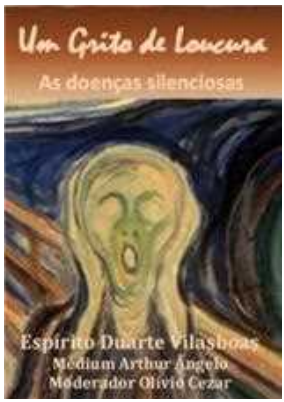
- Em que tipo de corpo Ele aparece aos seus discípulos?

- O que ocorreu com Seu corpo carnal?

- Qual é a síntese de Sua mensagem?

Este livro nos leva a uma imersão na história do Cordeiro, criando um cenário a partir da Sexta-feira da Paixão até o Domingo da Ressurreição, baseando-se nos registros contidos nos Evangelhos Canônicos e no estudo cientifico do Sudário de Turim.

Avançando no tempo, busca também compreender a importância da mediunidade ao longo dos séculos do cristianismo.



SINOPSE

Um Grito de Loucura - um grito aos loucos. Porque aos loucos? Louco é aquele que decide se distanciar de sua missão. Nosso objetivo nesse livro é abordar essa loucura, na busca da ressignificação da pureza e do amor. Respeitar todas as chagas é entender a dor do outro de forma compassiva, vendo nele nosso semelhante, agregando a essa dor nossa capacidade de empatia para absorver e aceitar suas necessidades. Hoje, o mundo lentamente desperta seu interesse para tratar as chamadas doenças silenciosas. Dentre elas, a ansiedade, a depressão, a esquizofrenia e a loucura, que culminam no suicídio. A missão deste nosso despretensioso trabalho é ajudar as pessoas a reencontrarem o amor - o amor perdido, o amor esquecido...

SINOPSE

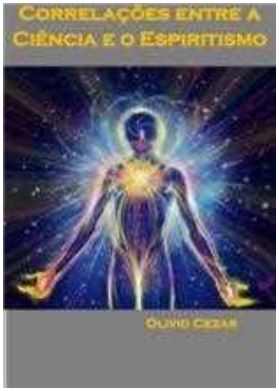
No livro "O Abismo" temos a primeiras notícias do Reino dos Dragões, onde vivem seres descomunais e horripilantes, com aspectos disformes que perderam a forma humana, degradados pela permanência no Mal.

Nas Trevas, ainda abaixo do nosso solo material, encontramos o domínio dos Magos Negros, seres iniciados nas diversas religiões da Antiguidade e exímios conhecedores das leis que os regulam.

No Umbral Grosso, que ocupa o mesmo espaço da nossa crosta terrestre, vive a grande maioria dos desencarnados que ainda desconhecem as leis da fraternidade. Subindo para o Umbral Médio, que se estende a partir de 20 km da crosta até cerca de 50 km de altitude, vamos encontrar os postos de socorro.

Através de Chico Xavier, as noções mais detalhadas da rotina das cidades espirituais do Umbral Fino. O livro "Nosso Lar" é referencia desse tipo de colônia. A verdade é que milhares de colônias existem em torno da Terra cada uma em determinada faixa de vibração.

Este livro aborda informações da colônia espiritual Hospital Esperança, apresentando trechos de livros que citam aquela instituição.

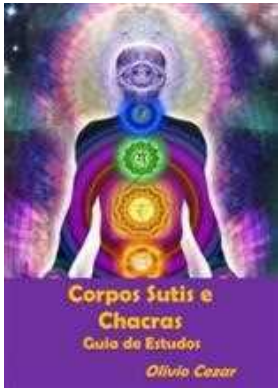


SINOPSE

O método cientifico atual baseia-se na observação e repetição de fatos, tanto os realizados por experimentos como aqueles advindos da Natureza. Mas este método é específico muitas vezes varia para cada determinada área de conhecimento humano. A Ciência ainda precisa medir ou pesar para obter comprovações do fenômeno estudado.

Neste modesto livro, não pretendemos criticar a Ciência materialista ou mesmo os cientistas que a seguem, mas apresentar evidencias de um enorme campo do conhecimento humano sobre os fenômenos chamados de paranormais.

A base será a Doutrina Espírita, que busca esclarecer e libertar a mente humana das prisões que infelizmente as religiões formais a colocaram. Mas também navegaremos pelos conceitos trazidos pela Teosofia e consequentemente as religiões seculares do Oriente. Estudaremos a parapsicologia, a psicotrônica, as experiências de quase morte, a reencarnação, a transcomunicação instrumental, as teorias da origem da vida e muitos outros assuntos, como a mediunidade, a glândula pineal, o registro akáshico, sempre buscando as interpretações da Ciência com uma pitada de Espiritualidade.



SINOPSE

Somos um complexo de energia em várias frequências, portanto, estamos constantemente trocando energia uns com os outros e também com a Natureza, de forma consciente ou inconsciente.

Nosso corpo energético é semelhante ao Universo. Ele possui milhões de pontos brilhantes. Junto com eles temos vórtices maiores de energia, que se parecem com as galáxias e são vórtices de luz brilhante, girando em alta velocidade. Dentro desses vórtices temos vários outros mini vórtices de luz, que denominamos de chacras.

A Doutrina Espírita traz uma grande contribuição para o assunto, abordando a realidade dos fluidos, a imortalidade da alma e a existência de planos espirituais, nos alertando que somos o que pensamos, interagindo o tempo todo com tudo ao nosso redor.

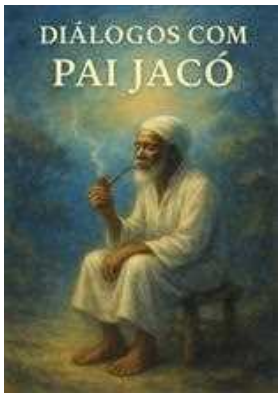
Esta obra está dividida em três partes principais: corpos sutis, chacras e planos sutis, pois esses assuntos estão interligados e consideramos importante a abordagem dos mesmos para uma melhor compreensão do leitor.

SINOPSE:

A obsessão espiritual é um tema que, ao longo do tempo, tem despertado curiosidade, temor e, muitas vezes, incompreensão. Presente sob diversas formas nas tradições religiosas e culturais da humanidade, é na Doutrina Espírita que encontramos uma explicação clara, racional e profundamente consoladora para suas causas, manifestações e possibilidades de superação.

Reuni aqui uma abordagem didática, equilibrada e vivencial, que integra teoria e prática, buscando oferecer ao leitor não apenas um diagnóstico do problema obsessivo, mas também caminhos de cura, libertação e autoconhecimento. A inclusão de temas mais complexos, como vampirismo espiritual, zoantropia e ovoidização, revela o compromisso de tratar a obsessão com a profundidade e o respeito que ela exige — sempre à luz do Evangelho.

Mais do que um estudo teórico, este livro é um convite à ação consciente e caridosa diante do sofrimento alheio. Ele é direcionado a médiuns, trabalhadores espíritas, estudiosos e a todos que desejam compreender as causas profundas das dores humanas e colaborar com os processos de cura espiritual — os seus e os do próximo.



SINOPSE

Em *Diálogos com Pai Jacó*, o leitor é conduzido por uma jornada simbólica, espiritual e profundamente humana. Através dos encontros com Pai Jacó — espírito sábio na forma de um Preto Velho de elevada hierarquia — o narrador enfrenta suas sombras, dores, perdas e confusões existenciais, sendo guiado com firmeza e amor pelo caminho do autoconhecimento.

Cada capítulo é um mergulho em temas universais como fé, sofrimento, silêncio espiritual, vínculos afetivos, perdão, sonhos, reencarnação e o reencontro com o Eu Maior. Com linguagem simples, poética e acessível, a obra toca o coração sem perder a profundidade filosófica e terapêutica.

Este livro é mais do que leitura — é um chamado. Um chamado à alma que busca sentido, paz e reconexão com sua essência mais verdadeira.

"*Alma que não visita sua própria casa, acaba vivendo na dos outros.*" — Pai Jacó.

Se você sente que chegou a hora de conversar com sua própria luz — e também com suas sombras — este livro será sua companhia de travessia.

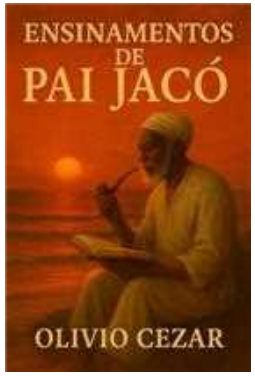
SINOPSE:

Encontros com Pai Jacó é um mergulho profundo na alma humana através de diálogos poéticos e espirituais entre o autor e seu mentor, Pai Jacó — um Preto Velho de sabedoria serena e acolhedora. Em uma linguagem simples, porém carregada de significado, o livro aborda temas delicados como tristeza, solidão, desilusão, culpa, depressão, medo, suicídio, amor-próprio e perdão, oferecendo acolhimento e reflexão para as dores mais íntimas do ser.

Cada capítulo é construído como uma conversa à beira das fronteiras da alma, onde o silêncio, o afeto e a escuta se tornam ferramentas de cura. Com ternura e firmeza, Pai Jacó conduz o leitor por um caminho de autoconhecimento e reconexão espiritual, ensinando que a transformação verdadeira começa no interior e que é possível encontrar luz mesmo nos momentos mais sombrios.

A obra é ao mesmo tempo um livro de autoajuda e espiritualidade, fundamentado na sensibilidade da Doutrina Espírita, mas acessível a todos que buscam sentido, consolo e reconciliação com a própria história. Não há promessas mágicas, mas uma presença constante que afirma: "você não está só".

Ao final, o convite é claro e amoroso: voltar para casa — esse lugar simbólico onde a alma se sente inteira, amada e em paz. *Encontros com Pai Jacó* é um livro para ler com o coração aberto, e talvez, para encontrar a si mesmo em meio às páginas.



SINOPSE:

Este livro é um convite ao despertar da alma e à escuta da própria essência. Em trinta reflexões curtas e poéticas, o autor percorre os caminhos do silêncio, da dor, da fé, do perdão, do corpo, dos relacionamentos e da ancestralidade para revelar que a verdadeira sabedoria nasce de dentro.

Cada capítulo é uma semente de consciência, plantada com palavras simples, mas profundas, que ressoam como ensinamentos antigos e atemporais. Com linguagem acessível e espiritualidade enraizada na vida cotidiana, o livro mostra que cair faz parte do caminho, que o corpo fala o que a alma cala, e que ouvir os outros — e a si mesmo — pode ser um ato sagrado.

Ensinamentos de Pai Jacó é um manual delicado de crescimento pessoal e espiritual, voltado a quem busca leveza, verdade e presença na jornada da vida.

Uma leitura para tocar o coração e lembrar que o fim nunca é o fim — é só um novo começo.

Estes livros estão disponíveis para download gratuito nos seguintes sites:

https://www.bvespirita.net/

https://www.ebookespirita.org/

https://www.academia.edu/

https://doceru.com/

https://play.google.com/books/

https://pt.slideshare.net/

Para aquisição da obra impressa acesse os sites abaixo, pesquise o nome do livro ou do autor na barra de busca e faça sua encomenda.

https://clubedeautores.com.br/

https://www.amazon.com.br